

# Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

**57**

JANEIRO – MARÇO  
1990

# BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANIBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Boletim de Pastoral Litúrgica

Seminário de Aveiro — 3800 Aveiro

Telef.: 034 - 22172

Condições de assinatura anual:

	Via normal	Via aérea
Portugal e Países de língua portuguesa	700\$00	1.300\$00
Outros países estrangeiros	850\$00	1.600\$00
Este número	200\$00	—

---

JANEIRO — MARÇO

**57**

ANO XV

Apresentação

Ordenação das Leituras da Missa

A beleza e a dignidade das celebrações

litúrgicas

*Frei Pedro Ferreira*

Serviço Nacional de Música Sacra

Arte Sacra: Museus da Igreja

XVI Encontro Nacional

Ofício novo para a Liturgia das Horas:

SS. Lourenço Ruiz e Companheiros, Mártires

A saída do primeiro número do Boletim, este ano, mesmo à entrada da Primavera e a pouca distância da celebração anual da Páscoa, longe de parecer uma contradição, constitui uma tríade de coincidências felizes.

Com efeito, a Primavera representa o renascer de esperanças da vida na natureza, onde, após a letargia do Inverno, os troncos nus das árvores começam a rodear-se de rebentos verdes e até, nalguns casos, de flores belas e promissoras, e onde os campos, ainda há pouco alagados pelas cheias ou queimados pelas geada, dão sinais evidentes de luta pela vida. De resto, a Primavera continua a ser para vários grupos sociais e seitas religiosas o princípio do ano e, como tal, é festivamente celebrada.

Saindo a lume em plena Quaresma, o Boletim não pode deixar de ter em conta a celebração solene e anual da Páscoa que se aproxima, e até procura ajudar, dentro do possível, a compreender os textos litúrgicos que se utilizam nas Missas deste Tempo.

Não é a primeira vez que o Boletim transcreve uma parte do texto da **Ordenação das Leituras da Missa**. Já o fez parcialmente no seu número 28, em 1982, e volta a fazê-lo agora para indicar os princípios a seguir no uso das leituras, desde a faculdade de escolher determinados textos até à descrição da Ordenação das Leituras, designadamente no Tempo da Quaresma, Tríduo Sacro e Tempo Pascal.

Só num texto destes é possível encontrar tanta autoridade e ser tão conciso na apresentação do critério seguido. Transcrevemos, por isso, este passo do documento em causa.

A esperada publicação de **O Cerimonial dos Bispos** aumenta a oportunidade do artigo do P. Dr. Frei Pedro Ferreira, OCD, sobre a beleza e a dignidade das celebrações litúrgicas.

Efectivamente, após um período revolucionário no uso dos gestos e dos elementos simbólicos da liturgia, é tempo de repensar o lugar e a

importância daquilo que passou a ser substituído por reduções drásticas e por sucessivas e inoportunas explicações catequéticas durante a celebração.

Este tipo de celebrações tem sido devidamente criticado e, apesar da caminhada já feita, ainda não falta quem pretenda fazer da Missa e dos Sacramentos uma aula teórica de teologia ou um pretexto para homilias intermitentes, de contraproducente eficácia pedagógica, por vezes mesmo de conteúdo totalmente inadequado à celebração que se realiza.

Pois bem, **O Cerimonial dos Bispos** indica os gestos e as funções de todos os intervenientes nas celebrações litúrgicas, desde o presidente e os concelebrantes até aos diáconos, acólitos, turiferários, leitores, salmistas, mestres de cerimónia, cantores, músicos e sacristães. Apresenta ainda normas para a ornamentação, vestes, sinais de reverência, incensação, rito da paz, posição das mãos e uso da água benta. A explicação do papel e do simbolismo destes gestos e funções na liturgia, uma vez assimilada, impede que se venha a cair em novo ritualismo, vazio de significado teológico e, pior ainda, carecido de valor salvífico.

Algumas informações na área da Música e da Arte Sacra mostram um pouco do muito trabalho que se está a realizar com critério e determinação. Algumas das iniciativas que se preparam a nível nacional devem merecer o interesse e o patrocínio de todos os responsáveis no campo da música e da arte litúrgica.

Por fim, o Ofício para a Liturgia das Horas dos Santos Lourenço Ruiz e Companheiros, martirizados no Japão e canonizados pelo Papa João Paulo II, vem ao encontro de pedidos de alguns dos nossos assinantes e documenta a universalidade do culto que prestamos aos Santos de todos os quadrantes geográficos e de todos os povos que habitam o nosso planeta.

# Ordenação das Leituras da Missa

## **FACULDADE DE ESCOLHER DETERMINADOS TEXTOS**

Na Ordenação das Leituras, concede-se, por vezes, ao celebrante a faculdade de escolher um ou outro texto para ser lido, ou de escolher um texto entre vários que simultaneamente se propõem para a mesma leitura. Isto raras vezes sucede nos domingos, solenidades e festas, para que não se desvança a índole própria de algum tempo litúrgico, ou se não interrompa indevidamente a leitura de algum livro. Ao invés, concede-se mais facilmente semelhante faculdade nas celebrações dos Santos, e nas Missas rituais, nas Missas para as diversas necessidades, nas votivas e nas de defuntos.

Estas faculdades, juntamente com outras indicadas na Instrução Geral do Missal Romano e na Ordenação do Canto da Missa, têm finalidade pastoral. Ao estruturar, portanto, a liturgia da Palavra, o sacerdote "deve atender, mais do que à sua inclinação pessoal, ao bem comum espiritual da assembleia. Lembre-se, além disto, que convém fazer a escolha das partes da Missa de comum acordo com os ministros e com as outras pessoas que exercem algum ministério na celebração, sem, de algum modo, excluir os fiéis, no que mais directamente lhes diz respeito".

### **1) As duas leituras antes do Evangelho**

Nas missas em que se propõem três leituras, devem fazer-se realmente as três. No entanto, se a Conferência Episcopal permitir, por motivos pastorais, que em tal ou tal lugar, haja apenas duas leituras, faça-se a escolha entre as duas primeiras de sorte que não se anule o objectivo de se ensinar totalmente aos fiéis o mistério da salvação. Por esta razão, desde que se não estabeleça outra coisa na devida altura, deve preferir-se, entre as duas primeiras leituras, a que melhor se harmonize com o Evangelho, ou a que, segundo o objectivo acima referido, mais favoreça uma catequese orgânica que se prolongue por algum tempo, ou então a que possa permitir uma leitura semi-contínua de algum livro.

## **2) Forma longa ou forma breve**

Também o critério pastoral deve orientar a escolha entre as duas formas por que se apresenta um mesmo texto. É que se dão, por vezes, uma forma longa e uma forma breve de um mesmo texto. Cumpre, então, atender-se à capacidade de os fiéis escutarem com fruto uma leitura mais ou menos longa, à sua capacidade de ouvirem o texto mais completo, que deve ser explicado na homilia.

## **3) Os dois textos propostos**

Quando se concede a faculdade de escolher entre um e outro texto já definido ou proposto como facultativo, deverá atender-se à utilidade dos que participam, consoante se trata de utilizar um texto mais fácil ou mais apropriado à assembleia reunida, ou de um texto que se tem de repetir ou ao qual se deve responder, indicado como próprio a determinada celebração, ou então indicado como facultativo em outra celebração, sempre que o sugira a utilidade pastoral.

Tal pode suceder, ou quando se receie que algum texto origine certas dificuldades em determinada assembleia, ou quando o mesmo texto tenha de ler-se novamente em dias mais próximos, ao domingo ou na féria seguinte.

## **4) Leituras feriais**

No Ordenamento das leituras feriais, propõem-se textos para cada um dos dias de cada semana em todo o curso do ano: estas leituras devem, pois, ler-se ordinariamente nos dias a que são atribuídas, desde que não ocorra uma solenidade, uma festa ou uma memória com leituras próprias.

Na Ordenação das leituras a utilizar nos dias feriais, deve-se verificar se terá de omitir-se uma ou outra leitura do mesmo livro em alguma celebração que ocorra na mesma semana. Veja então antecipadamente o sacerdote, tendo em conta o ordenamento das leituras de toda a semana, quer as partes que possam omitir-se por serem de menos importância, quer a maneira mais oportuna de juntar as mesmas partes a outras, quando forem úteis para dar uma visão de conjunto de toda uma matéria.

## **5) Celebrações dos Santos**

Para as celebrações dos Santos, propõem-se, quando realmente existam, leituras próprias, isto é, que se referem à própria pessoa do

Santo ou ao mistério celebrado na Missa. Ainda que se trate de uma memória, tais leituras devem utilizar-se em lugar das leituras das férias ocorrentes. Sempre que se trata, na memória, de semelhantes leituras, isto é expressamente indicado, nesta Ordenação, no lugar respectivo.

Por vezes, apresentam-se "leituras apropriadas", isto é, leituras que põem em relevo um aspecto peculiar da vida espiritual ou da actividade do Santo. Nestes casos, não é de insistir no uso de tais leituras, a não ser que o sugira uma razão pastoral. Por outro lado, indicam-se, na maior parte das vezes, leituras existentes nos Comuns, para facilitar a escolha. Trata-se, porém, de sugestões, pois, em lugar da leitura apropriada ou simplesmente proposta, pode escolher-se qualquer outra leitura dos Comuns indicados.

O sacerdote que celebra com assistência do povo há-de procurar, antes de mais, o bem espiritual dos fiéis, e guardar-se-á de lhes impor o seu gosto pessoal. Terá sobretudo o cuidado de não omitir, com demasiada frequência e sem justa causa, as leituras indicadas no Leccionário Feriál para cada dia. É que a Igreja anseia por que se proporcione aos fiéis uma mesa particularmente rica da Palavra de Deus.

Apresentam-se ainda "leituras comuns", isto é, que existem nos Comuns, ou para determinada classe de Santos (por exemplo Mártires, Virgens, Pastores), ou para os Santos em geral. Como, nestes casos, se propõem vários textos para a mesma leitura, compete ao sacerdote celebrante escolher o que mais convenha aos ouvintes.

Em todas as celebrações, além das leituras dos Comuns para os quais se remete em cada caso, podem sempre escolher-se leituras do Comum dos Santos e das Santas, sempre que uma razão especial o surgira.

No tocante às celebrações dos Santos, deve ainda atender-se a quanto segue:

a) Nas solenidades e nas festas, devem sempre utilizar-se as leituras existentes no Próprio ou no Comum. Estão sempre indicadas leituras próprias para as celebrações do calendário geral.

b) Nas solenidades dos calendários particulares, deve haver três leituras: a primeira, do Antigo Testamento (no Tempo Pascal, dos Actos dos Apóstolos ou do Apocalipse), a segunda, de um Apóstolo, a terceira, por fim, do Evangelho. Isto, se a Conferência Episcopal não estabelecer que haja só duas leituras.

c) Nas festas e nas memórias, isto é, quando há só duas leituras, a primeira leitura pode escolher-se ou do Antigo Testamento ou de

um Apóstolo, e a segunda, do Evangelho. Todavia, no Tempo Pascal, consoante um costume tradicional na Igreja, a primeira leitura será tirada de um Apóstolo, a segunda tanto quanto possível, do Evangelho de S. João.

#### **6) As outras partes da Orientação das Leituras**

Na Ordenação das Leituras para as Missas rituais, estão indicados os mesmos textos já promulgados para cada uma das Ordenações, exceptuados, como é óbvio, os textos pertencentes às celebrações que se não inserem na Missa.

A Ordenação das Leituras para as diversas necessidades, para as Missas votivas e para as de defuntos, contém numerosos textos, que podem oferecer uma ajuda oportuna às celebrações que tenham de adaptar-se às situações, circunstâncias e problemas das diversas assembleias participantes.

Nas Missas rituais, nas Missas para as diversas necessidades, nas votivas e nas de defuntos, dado que se apresentam muitos textos para cada leitura, a escolha faz-se com os mesmos critérios acima descritos para recolher as leituras do Comum dos Santos.

Quando é proibida alguma Missa ritual e é permitido, pelas normas indicadas em cada rito, tomar uma leitura das que são propostas para as Missas rituais, deve atender-se ao bem espiritual comum dos que participam.

#### **O SALMO RESPONSORIAL E A ACLAMAÇÃO ANTES DA LEITURA DO EVANGELHO**

Entre estes cânticos, tem grande importância o salmo que se segue à primeira leitura. Deve tomar-se habitualmente o salmo atribuído à leitura, a não ser que se trate de leituras do Comum dos Santos, das Missas rituais, das Missas para as diversas necessidades, das votivas e das de defuntos. Nestas, confia-se a escolha ao próprio sacerdote que celebra, o qual deve ater-se ao princípio da utilidade pastoral dos circunstantes.

Contudo, para que o povo possa proferir mais facilmente o refrão do salmo, indicam-se alguns textos de salmos e de refrões, escolhidos na Ordenação das leituras, para os diversos tempos do ano e para as diferentes ordens de Santos, textos que podem utilizar-se em vez do texto correspondente à leitura, sempre que o salmo seja cantado.



O outro cântico, que deve proferir-se depois da segunda leitura e antes do Evangelho, ou é estabelecido para cada Missa e se combina com o Evangelho, ou se deixa à livre escolha dentro de uma série ordinária de algum tempo ou Comum.

No Tempo da Quaresma, pode utilizar-se, se for oportuno, uma das aclamações adiante propostas, antes e depois do versículo que antecede o Evangelho.

## **DESCRIÇÃO DA ORDENAÇÃO DAS LEITURAS**

Para ajudar os pastores de almas a entenderem a Ordenação das Leituras, a fim de o seu uso se tornar vivo e os fiéis cristãos poderem receber-lhe os frutos, considera-se oportuno apresentar breve descrição da mesma Ordenação das Leituras, ao menos quanto às celebrações mais importantes e aos diversos tempos do ano litúrgico, pois foi para atender aos propósitos mencionados que se escolheram as leituras de acordo com as regras atrás descritas.

### **1. Tempo do Advento**

#### *a) Nos Domingos*

As leituras do Evangelho têm característica própria: referem-se à vinda do Senhor no fim dos tempos (primeiro domingo), a João Baptista (segundo e terceiro domingos) e aos factos que prepararam de perto o Nascimento do Senhor (quarto domingo).

As leituras do Antigo Testamento são profecias acerca do Messias e do tempo messiânico, tiradas sobretudo do Livro de Isaías.

As leituras de um apóstolo apresentam exortações e proclamações de acordo com a diversas características deste Tempo.

#### *b) Nos Dias Ferais*

Apresentam-se duas séries de Leituras, uma para servir desde o início até ao dia 16 de Dezembro, a outra, desde o dia 17 até ao dia 24.

Na primeira parte do Advento, tem-se a leitura do Livro de Isaías, distribuída segundo a ordem do livro, sem excluir os textos de maior importância, que ocorrem também ao domingo. Os Evangelhos destes dias foram escolhidos de acordo com a primeira leitura.

A partir de quinta-feira da segunda semana, começam as leituras dos Evangelhos sobre São João Baptista; a primeira leitura é constituída, quer pela continuação do Livro de Isaías, quer por um texto escolhido de acordo com o Evangelho.

Na última semana antes do Natal do Senhor, apresentam-se os factos que prepararam imediatamente o Natal do Senhor, tirados do Evangelho de São Mateus (cap. I) e do de São Lucas (cap. I). Para a primeira leitura, escolheram-se textos do Antigo Testamento relacionados com o Evangelho, entre os quais se encontram algumas profecias messiânicas de grande importância.

## **2. Tempo do Natal**

### *a) Nas Solenidades, Festas e Domingos*

Para a Vigília e para as três Missas do Natal do Senhor, tanto as leituras proféticas como as restantes foram tiradas da tradição romana.

No domingo dentro da Oitava do Natal, para a Festa da Sagrada Família, o Evangelho refere-se à infância de Jesus, as outras leituras às virtudes da vida doméstica.

Na oitava do Natal e Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, as leituras tratam não só da Virgem Mãe de Deus, mas também da imposição do Santo Nome de Jesus.

No segundo domingo depois do Natal, as leituras tratam do mistério da Encarnação.

Na Epifania do Senhor, a leitura do Antigo Testamento e a do Evangelho conservam a tradição romana; com a leitura apostólica, lê-se um texto sobre a vocação dos gentios à salvação.

Na festa do Baptismo do Senhor, os textos foram escolhidos em função deste mistério.

### *b) Nos Dias Ferais*

A partir do dia 29 de Dezembro, faz-se a leitura contínua de toda a I Epístola de São João, que já se tinha começado a ler no dia 27 de Dezembro, festa do mesmo São João, e no dia seguinte, festa dos Santos Inocentes. Os Evangelhos referem-se às manifestações do Senhor. Lêem-se, efectivamente, os factos da infância de Jesus segundo o Evangelho de São Lucas (nos dias 29 e 30 de Dezembro), o primeiro capítulo do Evangelho de São João (de 31 de Dezembro a 5 de Janeiro, inclusivamente) e as principais manifestações do Senhor, segundo os quatro Evangelhos (7 a 12 de Janeiro, inclusivamente).

## **3. Tempo da Quaresma**

### *a) Nos Domingos*

As leituras do Evangelho são dispostas do seguinte modo:

No primeiro e segundo domingos, conservam-se as narrativas da Tentação e da Transfiguração do Senhor, que se lêem, no entanto, segundo os três Sinópticos.

Nos três domingos seguintes, repuseram-se, para o ano A, os Evangelhos da Samaritana, do cego de nascença e da ressurreição de Lázaro; por serem da maior importância no tocante à iniciação cristã, estes Evangelhos podem ler-se também nos anos B e C, sobretudo onde houver catecúmenos.

Entretanto, nos anos B e C, propõem-se também outros textos: no ano B, textos de S. João sobre a futura glorificação de Cristo pela Cruz e pela Ressurreição; no ano C, textos de S. Lucas sobre a conversão.

No "Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor", foram escolhidos, para a procissão, textos dos três Evangelhos Sinópticos que se referem à entrada solene do Senhor em Jerusalém; e, à Missa, lê-se a narrativa da Paixão do Senhor.

As leituras do Antigo Testamento referem-se à história da salvação, um dos temas próprios da catequese quaresmal. Em cada um dos anos, há séries de textos em que se dão os principais elementos daquela história, desde o início até à promessa da Nova Aliança.

As leituras de um Apóstolo foram escolhidas de forma que correspondessem às leituras do Evangelho e do Antigo Testamento, e, tanto quanto possível, se obtivesse entre elas uma conexão mais adequada.

#### *b) Nos Dias FERIAIS*

As leituras do Evangelho e do Antigo Testamento foram escolhidas de modo que se relacionam mutuamente, e tratam de vários temas próprios à catequese quaresmal, adaptados ao sentido espiritual deste tempo. A partir de segunda-feira da quarta semana, é dada a leitura semi-contínua de São João, na qual se encontram os textos deste Evangelho mais plenamente adequados às características da Quaresma.

Uma vez que as leituras da Samaritana, do cego de nascença e da ressurreição de Lázaro se lêem agora nos domingos, embora somente no Ano A (nos outros anos, só facultativamente), providenciou-se para que, nos dias feriais, se possam utilizar também: assim, no princípio das semanas terceira, quarta e quinta, inseriram-se "Missas facultativas" com aqueles textos; tais Missas podem utilizar-se em lugar das leituras do dia, em qualquer féria da respectiva semana.

Nos primeiros dias da Semana Santa, as leituras visam o mistério da Paixão. Na Missa Crismal, as leituras põem em relevo não só a

missão messiânica de Cristo, mas também a sua continuação na Igreja pelos sacramentos.

#### **4. Tríduo Sacro e Tempo Pascal**

##### *a) O Sagrado Tríduo Pascal*

Na quinta-feira da Ceia do Senhor, à Missa vespertina, o recordar da refeição que precedeu o êxodo confere uma luz peculiar, não só ao exemplo de Cristo, que lava os pés aos discípulos, mas também às palavras de São Paulo sobre a instituição da Páscoa cristã na Eucaristia.

Na sexta-feira da Paixão do Senhor, a acção litúrgica atinge o seu ponto culminante na narrativa, segundo São João, da Paixão de Aquele que, como o Servo do Senhor anunciado no Livro de Isaías, Se tornou verdadeiramente Sacerdote único, ao oferecer-Se a Si mesmo ao Pai.

Na noite santa da Vigília Pascal, são dadas sete leituras do Antigo Testamento, que recordam as maravilhas de Deus na história da salvação, e duas do Novo Testamento: o anúncio da Ressureição segundo os três Evangelhos Sinópticos, e a leitura apostólica sobre o Baptismo cristão como Sacramento da Ressureição de Cristo.

A leitura do Evangelho para a Missa do Dia de Páscoa é tirada de São João e visa o encontro do sepulcro vazio. Mas também se podem ler, facultativamente, os textos dos Evangelhos indicados para a Noite Santa, ou então, onde houver Missa vespertina, a narrativa de São Lucas acerca da aparição feita, no lugar de Emaús, aos discípulos que seguiam viagem. A primeira leitura é tirada dos Actos dos Apóstolos, que se utilizam, durante o Tempo Pascal, em vez da leitura do Antigo Testamento. A leitura do Apóstolo refere-se ao mistério da Páscoa, que deve ser vivido na Igreja.

##### *b) Nos Domingos*

Até ao terceiro domingo da Páscoa, as leituras do Evangelho referem as aparições de Cristo ressuscitado. As leituras do Bom Pastor atribuem-se ao quarto domingo. Nos domingos quinto, sexto e sétimo da Páscoa, têm-se extractos do discurso e da oração do Senhor depois da Última Ceia.

A primeira leitura é tirada dos Actos dos Apóstolos, num ciclo de três anos, de maneira paralela e progressiva: apresentam-se, assim, alguns passos sobre a vida, o testemunho e o desenvolvimento da Igreja primitiva.

Como leitura apostólica, lê-se no Ano A a I Epístola de São

Pedro, no ano B a I Epístola de São João, no Ano C o Apocalipse. Estes textos parecem harmonizar-se o melhor possível com o espírito de uma fé jubilosa e de uma esperança firme, que é próprio deste tempo.

*c) Nos dias Ferais*

A primeira leitura é tirada dos Actos dos Apóstolos, como nos domingos, de maneira semi-contínua. Como Evangelho, dentro da Oitava da Páscoa, lêem-se as narrativas das aparições do Senhor. A seguir, vem a leitura semi-contínua do Evangelho de São João, do qual se tomam agora os textos de índole mais propriamente pascal, e assim se completa a leitura já posta em curso no Tempo da Quaresma. Nesta leitura pascal, constituem uma grande parte o discurso e a oração do Senhor depois da Ceia.

*d) Nas Solenidades da Ascensão e do Pentecostes*

A Solenidade da Ascensão toma como primeira leitura a narrativa do acontecimento segundo os Actos dos Apóstolos, texto que é completado pelas leituras apostólicas acerca de Cristo elevado à direita do Pai. Como leitura do Evangelho, cada ciclo apresenta um texto próprio consoante a diversidade de cada evangelista.

Na Missa celebrada à tarde na Vigília do Pentecostes propõem-se quatro textos do Antigo Testamento, para se tomar um deles à escolha, a fim de se pôr em relevo o sentido multiforme da solenidade. A leitura apostólica mostra o múnus do Espírito exercido activamente na Igreja. Depois, a leitura evangélica comemora a promessa do Espírito, feita por Cristo ainda não glorificado.

Na Missa do dia, toma-se, como primeira leitura, a narrativa dos Actos dos Apóstolos, consagrada pelo uso, sobre o grande acontecimento do Pentecostes, enquanto o texto mostra a força do Espírito que exerce a Sua acção na Igreja. A leitura evangélica traz à memória Jesus, que, na véspera da Páscoa, comunica o Espírito aos Seus discípulos, enquanto os outros textos facultativos tratam da acção do Espírito nos discípulos e na Igreja.

## **5. Tempo Comum**

*a) Ordenamento e escolha dos textos*

O Tempo Comum principia na segunda-feira seguinte ao domingo que ocorre depois do dia 6 de Janeiro, e estende-se até à terça-feira antes da Quaresma inclusivamente; recomeça na segunda-feira depois

do domingo de Pentecostes e termina antes das I Vésperas do Primeiro Domingo do Advento.

A Ordenação das Leituras apresenta leituras para os 34 domingos e semanas que se seguem a cada um. No entanto, as semanas do Tempo Comum são, por vezes, apenas 33. Além disso, alguns domingos, ou pertencem a outro tempo (domingo em que se celebra a Festa do Baptismo do Senhor e Domingo de Pentecostes), ou são impedidos pela ocorrência de uma solenidade (por exemplo, Santíssima Trindade, Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo).

Para bem se ordenar o uso das leituras estabelecidas para o Tempo Comum, deve observar-se quanto segue:

1) O domingo em que é celebrada a Festa do Baptismo do Senhor coincide com o 1º Domingo do Tempo Comum; por conseguinte, as leituras da 1ª Semana começam na segunda-feira seguinte ao domingo que ocorre depois do dia 6 de Janeiro. Se a Festa do Baptismo do Senhor se celebra na segunda-feira seguinte ao domingo em que é celebrada a Epifania, as leituras da 1ª Semana começam na terça-feira.

2) O domingo que se segue à Festa do Baptismo do Senhor é o segundo do Tempo Comum. Os restantes enumeram-se em ordem sucessiva, até ao domingo que precede o início da Quaresma. As leituras da semana em que ocorre a Quarta-Feira de Cinzas interrompem-se depois do dia que a precede.

3) Quando se retomam, depois do Domingo de Pentecostes, as leituras do Tempo Comum ordenam-se do seguinte modo:

— Se os domingos do Tempo Comum são 34, toma-se a semana que imediatamente se segue à semana cujas leituras se utilizaram em último lugar antes da Quaresma.

— Se os domingos do Tempo Comum são 33, omite-se a primeira semana que seria tomada após o Pentecostes, para, se manterem no fim do ano, os textos católicos atribuídos às duas últimas semanas.



## A beleza e a dignidade das celebrações litúrgicas

O Cerimonial dos Bispos renovado segundo a mente da reforma litúrgica do Vaticano II (edição latina: 1984) vai aparecer agora em edição portuguesa. Há muito se aguardava este livro que apresenta a liturgia episcopal como a principal manifestação da Igreja (cf. n. 11). As celebrações presididas pelo Bispo não são mero aparato de cerimónias, mas devem servir de modelo para toda a diocese e distinguem-se pela participação activa do povo no canto, no diálogo, no silêncio sagrado, na atenção interior e na comunhão sacramental (cf. n. 12). As normas do novo Cerimonial dos Bispos visam "obter uma liturgia episcopal simples e ao mesmo tempo nobre, plena de eficácia pastoral, de modo a poder apresentar-se como modelo de todas as demais celebrações" (Prólogo, 2).

As nossas celebrações litúrgicas foram ultimamente enriquecidas com a compreensão dos textos e a simplificação dos ritos, mas na prática perderam bastante da sua beleza ritual e gestual tradicional, não tanto por defeito da reforma em si, mas por falta do espírito e da virtude da liturgia, assolada pela modernidade da secularização cultural. A celebração do encontro de Deus com o homem não pode limitar-se ao âmbito do racional ou intelectual do homem, mas deve abrir-se a uma linguagem ritual e simbólica que associe a afectividade humana e a revele na arte, na beleza e na dignidade das celebrações, factores decisivos para a eficácia pastoral das celebrações. A palavra de Deus e a oração do homem, que constituem a estrutura essencial das celebrações, devem dirigir-se tanto ao intelecto como ao afecto para atingirem o homem na sua totalidade e profundidade. A espiritualidade das celebrações é a dimensão celebrativa mais de acordo com a estrutura espiritual do homem. A beleza estético-artística das celebrações faz parte da essência da própria celebração. Os valores estéticos e artísticos são a expressão profunda da comunhão do homem com Deus e uma revela-

ção sensível do invisível. As celebrações são educativas e eficazes: significam e realizam o encontro salvífico.

O ritualismo da liturgia deve estar ao serviço da sacralização do homem, estruturalmente vocacionado a uma vida espiritual. A dessacralização da liturgia prestou um mau serviço ao homem na continuidade do materialismo ritual alicerçada nos valores da Encarnação de Jesus Cristo, revelador e salvador do homem novo que é chamado a prestar um culto novo em espírito e verdade (Cf. Jo 4,3-24).

## **1. OFÍCIOS E MINISTÉRIOS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**

"Numa assembleia reunida para a celebração da liturgia, especialmente quando presidida pelo Bispo, cada qual tem o direito e o dever de desempenhar o ofício que lhe pertence, de acordo com a diversidade da ordem e função. Neste sentido, todos, ministros ou simples fiéis, no desempenho do seu ofício, farão só e tudo o que lhes pertence. Desta forma se manifesta a Igreja, nas suas diferentes ordens e ministérios, como um corpo, cujos membros constituem um só todo" (n. 19).

O Cerimonial dos Bispos indica as cerimónias que fazem a beleza das celebrações. Recolhemos algumas que nos parecem oportunas para uma digna celebração da Missa. Este elenco é apenas uma chamada de atenção e uma indicação da fonte.

### **1.1 — Presidente na celebração da Missa**

Ao iniciar a Missa o presidente faz inclinação profunda ao altar e beija-o (cf. n. 130).

Incensa o altar e a cruz (cf. n. 131).

Saúda a assembleia (cf. n. 132).

Convida ao acto penitencial ou benze a água e asperge (cf. n. 132-133).

De braços abertos diz a colecta (cf. n. 136).

Abençoa o diácono (o Bispo abençoa o presbítero) que vai ler o Evangelho (cf. n. 141).

Faz a homilia, seguida de silêncio (cf. n. 142).

Na apresentação dos dons, enquanto se canta, dizem-se as fórmulas correspondentes em voz baixa (cf. n. 146-147).

Inclina-se para dizer em voz baixa: *Em humildade e contrição* (cf. n. 148).

Incensa as oblatas, o altar e a cruz (cf. n. 149).

Lava e enxuga as mãos (cf. n. 150).



Abre e junta as mãos ao *Orai, irmãos* (cf. n. 151).

De braços abertos, diz a oração sobre as oblatas (cf. n. 152).

Na oração eucarística a voz do presidente deve ouvir-se distintamente (cf. n. 155).

Na doxologia eleva a patena com a hóstia (o cálice fica para o diácono ou presbítero) até que o povo tenha dito a aclamação (cf. n. 158).

Durante o *Pai Nosso* e o *Livrai-nos, Senhor* mantém os braços abertos.

Dá a paz aos dois concelebrantes que estão ao lado e ao primeiro dos diáconos (cf. n. 161).

Inicia a fracção do pão (cf. n. 162).

Diz em voz baixa a oração antes da comunhão, genuflecte, pega na patena e dá o Corpo de Cristo aos concelebrantes (cf. n. 163).

Toma a hóstia, levantando-a um pouco acima da patena e diz: *Eis o Cordeiro* (cf. n. 163).

Depois de tomar o Sangue do Senhor entrega o cálice a um dos diáconos e distribui a comunhão aos diáconos e fiéis (cf. n. 164).

Após a comunhão pode guardar-se um silêncio sagrado durante um espaço de tempo (cf. n. 166). Se não houver este silêncio, guarda-se um breve silêncio entre o *oremos* e a oração da comunhão (cf. n. 167).

Se usar a bênção solene, enquanto profere as primeiras invocações mantém as mãos estendidas sobre o povo (cf. n. 169).

Beija o altar e faz-lhe a devida reverência.

Ao chegar à sacristia faz inclinação à cruz (cf. n. 170).

## **1.2 — Presbíteros - Concelebrantes**

Os presbíteros dependem do Bispo no exercício do seu poder e constituem com o seu Bispo um único presbitério (cf. n. 20).

Na procissão para o presbitério os presbíteros seguem atrás dos diáconos e diante do Bispo (cf. n. 128).

Na falta de diáconos, dois presbíteros concelebrantes assistem ao Bispo (cf. n. 131).

Ao entrarem no presbitério fazem inclinação profunda ao altar e beijam-no (cf. n. 130).

Se for um presbítero a ler o Evangelho na Missa presidida pelo Bispo, deve pedir a bênção ao Bispo (cf. n. 74 e 173).

Depois da oração sobre as oblatas aproximam-se do altar e

colocam-se à volta do presidente de modo que não impeçam o desenrolar dos ritos e os fiéis possam ver bem a acção sagrada (cf. n. 153).

Na oração eucarística as partes a proferir por todos os concelebrantes devem ser recitadas em voz submissa de modo que a do presidente se possa ouvir distintamente (cf. n. 155).

Durante o *Pai nosso* mantêm os braços abertos (cf. n. 159).

Ajudam o presidente na fracção do pão (cf. n. 162).

Recebem o Corpo de Cristo das mãos do Bispo, depois de fazerem a genuflexão (cf. n. 163).

Para a Comunhão do Sangue do Senhor, aproximam-se do altar e recebem o cálice que os diáconos lhes apresentam (cf. n. 164).

No final, saúdam o altar como no princípio ("aproximando-se do altar e beijam-no: n. 130) e voltam processionalmente à sacristia pela mesma ordem que vieram. Na sacristia fazem inclinação à cruz, saúdam o presidente e depõem as vestes (cf. n. 170).

### 1.3 — Diáconos

Os diáconos estão ao serviço do Bispo e seu presbitério no ministério da palavra, do altar e da caridade (cf. n. 24).

Nas acções litúrgicas o diácono assiste ao celebrante, ministra ao altar, seja ao livro seja ao cálice, dirige a comunidade com oportunas monições e enuncia as intenções da Oração Universal (cf. n. 25).

Nas celebrações presididas pelo Bispo haverá normalmente, pelo menos, três diáconos: um para proclamar o Evangelho e servir ao altar, e dois para assistirem ao Bispo. Se forem mais, distribuirão entre si os ministérios e um deles cuidará da participação activa dos fiéis (cf. n. 26).

Na procissão para o presbitério, um diácono leva o livro dos Evangelhos a seguir aos acólitos. Os diáconos assistentes seguem atrás do bispo (cf. n. 128).

No início da Missa beija o altar (cf. n. 130).

Depois da saudação do presidente, pode dirigir umas palavras muito breves para introduzir os fiéis na Missa do dia (cf. n. 132).

Durante o canto do *Aleluia* faz inclinação profunda diante do Bispo e pede a benção em voz baixa, benze-se e responde *Amen*. Faz inclinação ao altar, toma com reverência o livro dos Evangelhos e dirige-se para o ambão. Saúda o povo de mãos juntas, faz o sinal da cruz sobre o livro e depois sobre si na fronte, nos lábios e no peito. Incensa o livro e proclama o Evangelho. No fim beija o livro ou leva-o ao Bispo para o beijar (cf. n. 140-141).

Profere as intenções da Oração Universal do ambão ou doutro lugar (cf. n. 144).

Coloca no altar o corporal, o sanguinho, o cálice e o Missal (cf. n. 145).

Recebe as ofertas dos fiéis. Entrega ao presidente a patena com o pão. Deita vinho e um pouco de água no cálice, dizendo em voz baixa: *Pelo mistério desta água*, e apresenta o cálice ao Bispo (cf. n. 146-147). Segura a naveta e depois apresenta o turíbulo ao Bispo. Acompanha o Bispo na incensação e no final, postado ao lado do altar, incensa o Bispo, os concelebrantes e o povo (cf. n. 149).

Depois do *Amen* da oração sobre as oblatas tira o solidéu ao Bispo (cf. n. 153).

Na Oração Eucarística fica atrás dos concelebrantes e ministra ao cálice e ao Missal. Não se coloque entre o presidente e os concelebrantes, nem entre estes e o altar (cf. n. 153).

Incensa a hóstia e o cálice a cada elevação. Os diáconos permanecem de joelhos desde a epiclese até à elevação do cálice (cf. n. 155).

Na doxologia final, o diácono, pondo-se ao lado do presidente, eleva o cálice até que o povo tenha dito a aclamação final (cf. n. 158).

Convida à paz, dizendo: *saudai-vos*.

Recebe a comunhão das mãos do presidente.

Acompanha o presidente na distribuição da comunhão, segurando o cálice. Apresenta (outro diácono) o cálice aos concelebrantes, limpando-o com o sanguinho depois da Comunhão de cada concelebrante (cf. n. 164).

Terminada a Comunhão, consome o resto do Sangue e leva o cálice para a credência onde o purifica imediatamente ou depois da Missa. Leva para o sacrário as partículas consagradas que tiverem sobrado e na credência purifica a patena ou a píxide sobre o cálice antes de o purificar (cf. n. 165).

Depois da Comunhão, entrega o solidéu ao Bispo.

Antes da benção do Bispo pode dirigir-se ao povo o convite *Inclinai-vos para receber a benção* (cf. n. 169).

Despede o povo dizendo: *Vamos em paz*.

Saúda o altar como no início (cf. n. 130) e volta processionalmente à sacristia pela mesma ordem de entrada (cf. n. 170).

#### **1.4 — Acólitos**

Os acólitos são instituídos para ajudar o diácono e ministrar ao

sacerdote. Cuidam do altar, ajudam o diácono e o sacerdote, principalmente na Missa. São ministros extraordinários da Comunhão que devem distribuir, segundo as normas. Tomam ao seu cuidado a formação dos que levam o livro, a cruz, as velas, o turíbulo e outras funções semelhantes (cf. n. 28).

Na procissão para o presbitério, atrás do turiferário, segue um acólito com a cruz, rodeado de dois acólitos com os castiçais.

Ao pegar nos castiçais, o acólito do lado direito põe a mão esquerda no pé do castiçal e com a mão direita segura-o ao meio pelo nó; o acólito do lado esquerdo põe a mão direita no pé do castiçal e com a mão esquerda segura-o pelo nó (cf. nota 67 do n. 74).

#### **1.4.1 — Turiferário**

O turiferário caminha de mãos erguidas à mesma altura, segura o turíbulo com a direita pondo o dedo polegar na argola maior e o médio na argola menor da corrente, levantando a tampa e agitando o turíbulo; na mão esquerda, segurando-a pelo pé, leva a naveta com o incenso e a colher (cf. nota 66 do n. 74).

Na procissão para o presbitério o turiferário vai adiante com o turíbulo aceso (cf. n. 128).

Na procissão para o ambão, ao Evangelho, vai adiante (cf. n. 140).

#### **1.4.2 — Outros ministros**

Os ministros do livro, da mitra e do báculo, na procissão para o presbitério, seguem atrás dos diáconos assistentes (cf. n. 128).

#### **1.5 — Leitores**

Os leitores são instituídos para ler a Palavra de Deus na assembleia litúrgica. Fazem as leituras, excepto o Evangelho. Na falta do salmista, recitam o salmo e, na falta do diácono, enunciam as intenções da Oração Universal. Tomam ao seu cuidado a formação dos que hajam de ler a sagrada Escritura (cf. n. 31).

#### **1.6 — Salmistas**

Os salmistas ou cantores do salmo devem ser peritos na arte de salmodiar e dotados de idoneidade espiritual. Cantam o salmo ou outro cântico bíblico, bem como o gradual e o Aleluia, de modo que os fiéis se sintam apoiados no canto e na meditação do sentido dos textos (cf. n. 133).

### 1.7 — Mestre de cerimónias

O mestre de cerimónia prepara e dirige as celebrações, para que brilhem pelo decoro, simplicidade e ordem. Deve ser perfeito conhecedor da liturgia, sua história e natureza, suas leis e preceitos. Deve ser versado em matéria pastoral para fomentar a participação frutuosa do povo e promover o decoro das celebrações (cf. n. 34).

Deve preparar as celebrações com os cantores, assistentes, ministrantes e celebrantes. Deve agir com suma descrição e não falar sem necessidade (cf. n. 35).

Apresenta-se revestido de alva ou veste talar e sobrepeliz. Se for diácono, pode vestir a dalmática e as restantes vestes da sua ordem (cf. n. 36).

### 1.8 — Sacristão

O sacristão dispõe os livros da Palavra de Deus e das orações, os paramentos e demais coisas necessárias para a celebração. Toca os sinos para as celebrações. Guarda as alfaías. Na sacristia e no vestiário observa o silêncio e a modéstia (cf. n. 37).

A ornamentação do lugar duma celebração é competência do sacristão que deve cuidar uma apurada limpeza do pavimento, das paredes, figuras e coisas de que se usa ou se expõe à vista. Deve evitar-se a sumptuosidade e a mesquinhez na ornamentação. Observem-se as regras duma nobre simplicidade, urbanidade e beleza de arte, como revelação dos povos e da tradição local (cf. n. 38).

Para a celebração da Missa o sacristão deve preparar (cf. n. 125):

a) *Dentro do presbitério*: o Missal, o Leccionário, textos para os concelebrantes, texto da Oração Universal para o Bispo e diácono, livro dos cânticos, cálice, corporal, sanguinhos, bacia e jarros com água e toalha, recipiente com água para ser benzida quando ela se usa no acto penitencial, bandeja para a Comunhão dos fiéis.

b) *Em lugar conveniente*: pão, vinho e água.

c) *Na sacristia*: livro dos Evangelhos, turíbulo e naveta, cruz processional, castiçais, paramentos para o Bispo (amicto, alva, cíngulo, cruz peitoral, estola, dalmática, casula, solidéu, mitra, anel, báculo), para os concelebrantes (amictos, alvas, cíngulos, estolas e casulas), para os diáconos (amictos, alvas, cíngulos, estolas e dalmáticas) e restantes ministros (amictos, alvas, cíngulos).

### **1.9 — Cantores e músicos**

O regente do coro, os cantores e o organista desempenham uma função especial no que respeita ao canto e à música sacra. Devem conhecer as normas prescritas nos livros litúrgicos e outros documentos da Igreja (cf. n. 39).

Devem cuidar a participação do povo no canto. Os fiéis devem saber recitar ou cantar as partes do Ordinário da Missa que lhes dizem respeito, não só na língua vernácula, mas também em latim (cf. n. 40).

O toque do órgão e dos outros instrumentos usar-se-á para sustentar o canto, durante o tempo que vai da Quarta-Feira de Cinzas até ao Glória da Vigília Pascal e nas celebrações dos defuntos. Exceptuam-se o IV Dom. da Quaresma, as festas e as solenidades (cf. n. 41).

O cantor, o comentador ou director do coro não devem subir ao ambão, mas desempenham o seu múnus noutro lugar conveniente (cf. n. 51).

## **2. — ORNAMENTAÇÃO DO LUGAR DAS CELEBRAÇÕES**

Faz parte da ornamentação do lugar duma celebração sagrada, acima de tudo, uma apurada limpeza do pavimento, das paredes, figuras e coisas de que se usa ou se expõe à vista. Evite-se a sumptuosidade e a mesquinhez, mas observem-se as regras duma nobre simplicidade, urbanidade e beleza de arte. Os objectos a usar no culto revelam o génio dos povos e da tradição local (cf. n. 38).

O que for introduzido de novo escolha-se de acordo com a arte contemporânea, posta de parte a mera novidade (cf. n. 37).

O altar não se deve ornamentar com flores desde a Quarta-feira de Cinzas até ao Glória da Vigília Pascal, nem nas celebrações de defuntos. Exceptuam-se o IV Dom. da Quaresma, as festas e as solenidades (cf. n. 48).

## **3. — AS VESTES**

A veste sagrada comum a todos os ministros é a alva, apertada à cintura pelo cingulo, a menos que se ajuste ao corpo sem cingulo. Se a alva não esconder o traje comum à altura do pescoço, deve usar-se o amicto (cf. n. 65).

### **3.1 — A veste dos presbíteros**

A veste própria do presbítero celebrante na Missa é a casula por

cima da alva e da estola. Em certas acções sagradas é usado o pluvial ou capa de asperges (cf. n. 66).

### **3.2 — A veste dos diáconos**

A veste própria do diácono é a dalmática por cima da alva e da estola a tiracolo do ombro esquerdo ao lado direito do corpo (cf. n. 67).

### **3.3 — A veste dos outros ministros**

A veste dos acólitos, leitores e restantes ministros é a alva com ou sem cingulo, conforme o modelo. Porém, podem usar outras vestes legitimamente aprovadas (cf. n. 65).

## **4. — SINAIS DE REVERÊNCIA**

### **4.1 — Inclinação (cf. n. 70)**

A inclinação é um sinal de reverência e de honra que se presta às próprias pessoas ou às suas imagens.

A inclinação de cabeça faz-se ao nome de Jesus ou da Virgem Maria e do Santo em cuja honra se celebra a Missa ou a Liturgia das Horas. Faz-se inclinação no Credo às palavras: *E encarnou*.

A inclinação do corpo ou inclinação profunda faz-se ao altar, ao Bispo antes e depois da incensação e sempre que os livros litúrgicos o indiquem (cf. n. 58).

Não fazem inclinação profunda os que transportam os objectos a usar na celebração.

### **4.2 — Genuflexão**

A genuflexão, que se faz flectindo só o joelho direito até ao solo, significa adoração. É reservado ao Santíssimo, quer exposto quer no sacrário. Faz-se genuflexão à Santa Cruz desde a adoração solene de Sexta-feira da Paixão até ao início da Vigília Pascal. Genuflecte-se às palavras do Credo: *E encarnou* no Natal e na Anunciação (cf. n. 143).

Não genuflectem aqueles que transportam os objectos a usar na celebração (cf. n. 70).

### **4.3 — Reverência ao Santíssimo**

Todos aqueles que entram na igreja nunca devem omitir a adoração ao Santíssimo, quer indo à capela do Santíssimo, quer



fazendo genuflexão. Fazem genuflexão todos os que passam diante do Santíssimo a não ser que se vá em procissão (cf. n. 71).

#### **4.4 — Reverência ao altar**

O altar é saudado com uma inclinação profunda por quantos se dirigem ao presbitério, dele se retiram ou passam diante do altar (cf. n. 72).

O celebrante e os concelebrantes beijam o altar no início da Missa em sinal de veneração. Antes de deixar o altar o celebrante principal venera o altar, por via de regra, beijando-o. Os restantes fazem-lhe reverência (cf. n. 73).

#### **4.5 — Reverência ao Evangelho**

Antes da proclamação do Evangelho o diácono pede e recebe a bênção do presidente. Se for um presbítero a proclamar o Evangelho numa Missa presidida pelo Bispo, também pede e recebe a bênção do Bispo (cf. n. 74).

Enquanto se proclama o Evangelho, todos estão de pé, voltados para quem o lê.

O diácono ou quem ler o Evangelho, após a saudação do povo, faz o sinal da cruz primeiro sobre o livro, depois sobre si mesmo na fronte, na boca e no peito. O Bispo faz também sobre si mesmo o sinal da cruz, e o mesmo fazem todos os restantes.

No final da leitura o diácono (ou o presbítero) beija o livro ou leva-o ao Bispo para o oscular como sinal de veneração.

Durante os cânticos evangélicos do Benedictus, Magnificat e Nunc dimittis todos estão de pé e benzem-se ao iniciar cada um destes cânticos (cf. n. 75).

#### **4.6 — Reverência ao Bispo e outras pessoas**

O Bispo é saudado com inclinação profunda pelos ministros e por quantos dele se aproximam ou retiram em serviço, e quando passam diante dele (cf. n. 76).

### **5. — INCENSAÇÃO**

A incensação exprime reverência e oração (cf. n. 84).

A matéria que se deita no turíbulo deve ser incenso puro, ou, se tiver misturas, em quantidade superior (cf. n. 85).

O incenso na Missa (cf. n. 86) pode usar-se na procissão de



entrada (cf. n. 128), na incensação do altar (cf. n. 131), na procissão e proclamação do Evangelho (cf. n. 141), ao ofertório para as oblatas, o altar, a cruz, o presidente, os concelebrantes e o povo (cf. n. 149), durante a elevação da hóstia e do cálice (cf. n. 155).

Usa-se ainda o incenso na exposição do Santíssimo na custódia e nas exéquias dos defuntos (cf. n. 87).

Em Laudes e Vésperas pode-se fazer a incensação do altar, do presidente e do povo, enquanto se canta o cântico evangélico (cf. n. 89).

Antes e depois da incensação faz-se inclinação profunda à pessoa ou ao objecto que é incensado, não porém ao altar nem às oferendas (cf. n. 91).

São incensados com três ductos o Santíssimo, a relíquia da cruz e as imagens do Santíssimo solenemente expostas, as oblatas, a cruz do altar, o livro dos Evangelhos, o círio pascal, o celebrante principal, a autoridade civil oficialmente presente, o coro, o povo e o corpo dum defunto.

São incensados com dois ductos as relíquias e as imagens dos Santos expostos à pública veneração (cf. n. 91).

O Santíssimo é incensado de joelhos (cf. n. 94).

As relíquias e as imagens sagradas são incensadas depois do altar. Porém, na Missa só são incensadas no início da celebração (cf. n. 95).

A incensação tem normas que lhe conferem estética, beleza e dignidade. Aquele que incensa segura com a mão esquerda a parte superior das correntes que sustentam o turíbulo, e com a direita segura as mesmas correntes todas juntas perto do turíbulo, de modo a poder comodamente lançá-lo e puxá-lo para si. Tenha o cuidado de o lançar com gravidade e decoro, sem mover o corpo ou a cabeça enquanto movimentar o turíbulo para a frente ou para trás; a mão esquerda, que segura a parte superior das correntes, mantém-na firme e segura diante do peito; a mão e o braço direito move-os calma e lentamente com o turíbulo (cf. nota 75 do n. 91).

## **6. — O RITO DA PAZ**

O celebrante dá o ósculo da paz pelo menos aos dois concelebrantes mais próximos e depois ao primeiro diácono (cf. n. 99).

Os concelebrantes, os diáconos, restantes ministros e fiéis dão-se mutuamente a paz (cf. n. 100-101).

Ao dar-se o ósculo da paz, pode dizer-se: *A paz esteja contigo, ao*

ao que se responde: *E contigo também*. Também se podem usar outras palavras, conforme os costumes locais (cf. n. 103).

## **7. — POSIÇÃO DAS MÃOS**

### **7.1 — Mãos elevadas**

O Bispo de o presbítero dirigem a Deus as orações de pé, com os braços abertos e as mãos um tanto elevadas (cf. n. 104).

### **7.2 — Mãos estendidas sobre pessoas e coisas**

O celebrante estende as mãos sobre o povo para dar a benção solene, e, sempre que tal seja requerido, na celebração dos sacramentos e sacramentais (cf. n. 105).

O celebrante e os concelebrantes estendem as mãos sobre as oblatas durante a epiclese. Durante a consagração, enquanto se proferem as palavras do Senhor, os concelebrantes estendem a mão direita, se parecer conveniente, para o pão e para o cálice (cf. n. 106). Na epiclese, antes da consagração, estendem-se as mãos com as palmas abertas voltadas para as oblatas e sobre elas. Na consagração, a mão direita fica voltada de lado (cf. nota 79 do n. 106).

### **7.3 — Mãos juntas**

As mãos do celebrante, concelebrantes e ministros devem estar juntas sempre que na acção litúrgica se deslocam ou estão de pé e não tenham de levar ou realizar qualquer coisa (cf. n. 107).

Quando se fala de mãos juntas entende-se: "Ter juntas diante do peito as palmas abertas uma contra a outra, e o polegar da mão direita cruzado sobre o da mão esquerda" (nota 80 do n. 107).

### **7.4 — Outras formas de pôr as mãos**

Quando o celebrante faz sobre si o sinal da cruz ou dá a benção, coloca a mão esquerda sobre o peito. Quando está ao altar e abençoa as oblatas ou outra coisa qualquer com a mão direita, coloca a mão esquerda sobre o altar (cf. n. 108).

Quando sentados, durante as acções litúrgicas, o celebrante, concelebrantes e ministros pousam as palmas das mãos sobre os joelhos (cf. n. 109).

## **8. — O USO DA ÁGUA BENTA**

Ao entrar na igreja todos molham a mão na água benta, contida na pia, e fazem com ela o sinal da cruz, como recordação do seu próprio Baptismo (cf. n. 110).

Aos Domingos, em vez do habitual acto penitencial, é de louvar que se faça a benção e a aspersão da água (cf. n. 133).

### **Concluindo**

A liturgia é acção conjunta de Deus e do homem em Jesus Cristo, o liturgo dos tempos novos e eternos. Os celebrantes, concelebrantes, diáconos e ministros são ordenados e instituídos para o exercício de funções culturais e salvíficas. Quando estes se dignarem servir o Senhor e os homens com a dignidade dum culto em espírito e em verdade, as celebrações da Igreja apresentarão um novo rosto mais humano e divino, tanto mais humano quanto mais divino nas formas e nos conteúdos.

O culto desta Igreja peregrina é já um culto celeste, realizado na terra em união com a Igreja celeste de todos os tempos e lugares. A liturgia acontece no tempo, mas é eterna, como se apresenta terrena, sendo celeste. A liturgia celebra os conteúdos da fé redentora num gesto de acolhimento, partilha e oferta da salvação que os ritos sacramentais realizam. Na liturgia da Igreja, Deus fala aos homens e os homens falam a Deus num diálogo salvífico, qual a sinfonia celeste executada por homens que procuram a verdade e a beleza de Deus e do homem. Os ritos declaram a procura e proclamam o encontro salvífico.

A beleza das celebrações litúrgicas diz da sua verdade teológica, pastoral e espiritual. A acção litúrgica é dom gratuito de Deus cultivado pelo esforço humano, numa síntese harmoniosa entre o simbólico e o real: a divindade adquire forma humana e a humanidade apresenta-se transfigurada com o rosto dos novos céus e da nova terra.

A liturgia proclama a glória de Deus e a dignidade do homem.

FR. PEDRO FERREIRA OCD

## Serviço Nacional de Música Sacra

No dia 26 de Maio de 1989, na Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo, em Fátima, a convite do Presidente do Serviço Nacional de Música Sacra, reuniram-se os Delegados diocesanos do referido Serviço e os Presidentes das Comissões diocesanas de Música Sacra ou de serviços afins, que constituem o Plenário do Serviço Nacional de Música Sacra, bem como os representantes dos Religiosos.

Estiveram presentes elementos representativos das seguintes dioceses: Viana do Castelo, Braga, Porto, Lamego, Viseu, Coimbra, Guarda, Leiria, Santarém, Lisboa e Portalegre. Como delegados dos Religiosos e Religiosas compareceram: P. Mário Silva, Irmã Maria de Jesus, das Servas de Nossa Senhora de Fátima, e Irmã Gertrudes, das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima.

Escreveram a justificar a ausência: P. Manuel Simões, S. J. Côn. Aparício, Côn. Alegria, P. Joaquim Fernandes da Silva e Irmã Maria Augusta Fernandes.

Depois da oração inicial, foi apresentado aos presentes o regulamento interno e princípios programáticos do Serviço Nacional de Música Sacra, já aprovado pelo Secretariado Nacional de Liturgia, e que orientarão a organização, obrigações, competências e objectivos do referido Serviço.

Sob a orientação do Presidente do Serviço Nacional de Música Sacra, Côn. António Ferreira dos Santos, anteriormente designado para o efeito pela Comissão Episcopal de Liturgia, os presentes debruçaram-se sobre os objectivos deste Serviço Nacional.

Do trabalho realizado ressaltaram os seguintes pontos:

### **1. Formação musical nos Seminários**

Sendo este um dos pontos a estudar no próximo Sínodo dos Bispos, é urgente acertar, a nível nacional, o ensino da música nos seminários.

Embora os documentos sobre a formação dos futuros pastores insistam muito neste ponto, verifica-se uma enorme diferença no modo como este assunto é encarado nas várias dioceses. Os presentes foram unânimes em reconhecer que este assunto deve ocupar prioritariamente o Serviço Nacional de Música Sacra.

## **2. Formação musical do clero**

Falou-se sobre o aproveitamento de todas as reuniões do clero para exemplificar e realizar música litúrgica, da realização de ensaios e comentários ocasionais. Os encontros do clero devem primar pelas celebrações exemplares e com boa música litúrgica. Foi sugerida uma acção profunda de formação musical sobre aqueles que estão mais próximos da ordenação e pedida uma disponibilidade generosa para a elaboração de programas musicais para as reuniões do clero por parte das Comissões Diocesanas de Música Sacra. Pareceu necessário frisar que, nos cursos e reciclagens do clero, é imperioso reservar tempos necessários de ensaios musicais para realizar convenientemente as celebrações.

## **3. Formação musical dos leigos**

Pareceu oportuno convencer os agentes de música litúrgica, e sobretudo, os formadores de agentes da pastoral da música litúrgica, para a necessidade de música a sério. Sobre a formação de leigos no campo da música litúrgica, há várias hipóteses a estudar e, sobre este assunto, abundaram as ideias. No aspecto prático foi sugerido que se forneçam esquemas de música litúrgica para as celebrações dos "tempos fortes" da liturgia. Verificou-se que já existem, em algumas dioceses, outros meios de formação, tais como: encontros de coros (também chamados festivos), e pequenas escolas de órgão, além das Escolas de Música Sacra já existentes em, pelo menos, duas dioceses.

## **4. Órgãos: sua aquisição e restauro dos órgãos históricos**

Foi comunicado que, neste momento, estão a estudar organaria na Alemanha dois engenheiros portugueses e que, dentro de ano e meio, haverá uma oficina de organaria no Porto. Referiu-se ainda a existência duma organaria em Condeixa, sob a direcção de António Simões.

Embora ao de leve, foi abordado o assunto da aquisição de órgãos electrónicos e dos critérios para a sua aquisição.

## **5. Coros litúrgicos**

Tendo em vista as respostas a dar a um inquérito feito por Roma sobre o estado da música litúrgica em cada país, tentou-se encontrar uma definição ampla do termo "coro litúrgico". Poder-se-á considerar "coro litúrgico" aquele grupo que, mesmo cantando a uma só voz, o faz com afinação, fusão e com repertório digno, preparando com regularidade o canto litúrgico para as celebrações dominicais.

## **6. Acções concretas**

O terceiro ponto da agenda desta reunião apontava para uma troca de impressões sobre acções concretas que pudessem ser já levadas a cabo pelo Serviço Nacional de Música Sacra.

**Foi sugerido que uma das primeiras acções concretas fosse a realização de um Encontro Nacional de formação para coros litúrgicos a realizar em Fátima, no dia 2 de Junho de 1990.**

Em princípio, cada diocese pensaria nos coros que a representariam.

Este encontro poderia ter três aspectos: formação litúrgica, formação coral e celebração.

O presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, D. António Francisco Marques, numa breve intervenção, afirmou que este encontro seria um meio de atingir os agentes da música litúrgica e poderia constituir o embrião duma futura Semana Nacional de Música Litúrgica.

## **7. Colectânea de cânticos "Cantemos Todos"**

Foi comunicado que, no tocante à selecção dos trechos, o trabalho se encontra praticamente concluído. Deu-se ainda a conhecer o plano da colectânea e das condições da sua edição.

# **Arte Sacra: Museus da Igreja**

De uma circular enviada recentemente pela Comissão Nacional de Arte Sacra e do Património Cultural da Igreja às 20 Comissões e

Secretariados Diocesanos de Arte Sacra do nosso País, transcrevemos a parte que se segue:

1. Gostaríamos, antes de mais, de recordar uma das resoluções do nosso Episcopado que foi aprovada na sua última Assembleia Plenária e está redigida nestes termos:

"Revitalizar as Comissões de Arte Sacra, dedicar maior cuidado à formação específica do clero e à sua sensibilização perante a arte, sem esquecer a contemporânea; intensificar os trabalhos de inventariação; apoiar as oficinas particulares de restauro; patrocinar o aparecimento de uma federação de museus da Igreja, aos quais se pedirá maior cuidado na sua função evangelizadora; estimular os cristãos para que estejam presentes nas associações de defesa do património; dedicar a necessária atenção, por parte da Igreja, a formas de diálogo permanentes e frutuosas com as instâncias do Estado".

2. Permitimo-nos sublinhar o empenho da Conferência na revitalização das Comissões de Arte Sacra, na formação específica do clero, na intensificação dos trabalhos de inventariação e no patrocínio de uma federação de museus da Igreja.

**3. A Comissão Nacional de Arte Sacra e do Património Cultural da Igreja (CNASPCI) aproveita esta circular para anunciar o seu projecto de uma reunião nacional em Fátima, no dia 20 de Abril, e pedir a vossa generosa e esclarecida colaboração.**

4. Em ordem à preparação desta reunião de âmbito nacional, agradecemos que nos fossem enviadas, quanto antes, as indicações daquilo que a vossa Diocese tem presentemente no que respeita a:

- 4.1 — Museus organizados;
- 4.2 — Depósitos de obras de arte;
- 4.3 — Objectos organizados ou sem organização;
- 4.4 — Natureza do museu (tipos de objectos);
- 4.5 — Nome e endereço do responsável ou dos responsáveis.

5. Estes elementos informativos são indispensáveis à organização deste encontro nacional projectado para o dia 20 de Abril, como é óbvio.



## XVI Encontro Nacional

Vai realizar-se, de 23 a 27 de Julho, o XVI Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, que terá por temática *A Celebração do Mistério do Natal*.

Os temas das conferências são os seguintes: O mistério do Natal (perspectiva bíblico-teológica), O Natal e a Epifania através dos tempos, o Tempo do Advento, a Celebração litúrgica do Natal, a Oitava do Natal, a Celebração da Epifania, Música litúrgica e música religiosa do Natal.

O Secretariado Nacional de Liturgia irá fazer a divulgação do programa e das condições de inscrição do Encontro logo que esteja concluída a fase prep e só a partir daí é que começará a receber os pedidos de inscrição.

## Ofício novo para a Liturgia das Horas

### **SS. Lourenço Ruiz e Companheiros, mártires**

*28 de Setembro*

No século XVII (1633-1637), na cidade de Nagasaki, do Japão, derramaram o seu sangue, por amor de Cristo, dezasseis mártires: Lourenço Ruiz e seus Companheiros. Este Grupo de mártires, da Ordem de São Domingos ou a ela associados, é constituído por nove presbíteros, dois religiosos, duas virgens e três leigos, entre os quais se conta Lourenço Ruiz, chefe de família, natural das Filipinas.

Todos eles, em tempos e circunstâncias diversas, dilataram a fé cristã nas Filipinas, na Formosa e no Japão, manifestando de modo admirável a universalidade da religião cristã e, como invencíveis missionários, espalharam a semente da futura cristandade com o exemplo da sua vida e da sua morte. Foram canonizados por João Paulo II a 18 de Outubro de 1987.

*Comum de vários Mártires, excepto: Ofício de Leitura*



## Segunda Leitura

Da homilia de João Paulo II, Papa, feita durante a Missa que celebrou em Manila, na beatificação dos mártires Lourenço Ruiz e Companheiros. (AAS 73, 1981, pp. 340-342)

*O derramamento do seu sangue foi um admirável acto de culto e de amor a Deus*

Segundo as palavras do Evangelho, Cristo dá testemunho diante do Pai celeste em favor dos mártires fiéis que deram testemunho d'Ele diante dos homens.

No hino de glória, que foi agora cantado por vozes inumeráveis, ressoa o mesmo hino "Te Deum" que foi cantado na véspera do dia 27 de Dezembro de 1963 na igreja de São Domingos, quando chegou a notícia do martírio que sofreram na cidade de Nagasaki um grupo de seis cristãos, entre os quais se encontravam o Padre António Gonzalez, superior da missão, dominicano espanhol natural de Deón, e Lourenço Ruiz, chefe de família, natural de Manila, do bairro chamado Binondo, nos arredores da cidade. Também estas testemunhas de fé cantaram salmos ao senhor, celebrando a sua misericórdia e seu poder, quando eram levados para o cárcere e suportavam a morte, durante o martírio que se prolongou por três dias.

A fé vence o mundo. A pregação da fé é como o sol que ilumina todos aqueles que desejam chegar ao conhecimento da verdade. De facto, são diversas as línguas que se falam no mundo, mas é só uma e a mesma tradição que se proclama em toda a terra.

O Senhor Jesus resgatou com o próprio sangue os servos, reunidos de todas as tribos, línguas, povos e nações, a fim de os constituir um reino de sacerdotes para o nosso Deus.

Os dezasseis bem-aventurados mártires, exercendo o sacerdócio do Baptismo ou das Ordens Sagradas, realizaram um admirável acto de culto e de amor a Deus ao derramarem o seu sangue, unido ao sacrifício de Cristo no altar da Cruz, imitando a Cristo sacerdote e vítima, do modo mais sublime que é possível a criaturas humanas. Foi ao mesmo tempo o supremo acto de amor para com os irmãos, pelos quais também nós somos convidados a dedicar-nos com toda a diligência, seguindo o exemplo do Filho de Deus que por nós deu a sua vida.

Na verdade, foi isto que Lourenço Ruiz realizou. Conduzido pelo Espírito Santo a fim de vida inesperado, por caminhos expostos a cons-

tantes perigos, declarou aos juizes que era cristão e ia morrer por Deus: "Gostaria de oferecer por Ele mil vezes a minha vida. Nunca serei apóstata. Se quiserdes, podeis matar-me. A minha vontade é morrer por Deus".

Aqui temos o verdadeiro sentido da sua vida, a manifestação da sua fé e o motivo da sua morte. Nesse momento, o jovem chefe de família fez a suprema profissão de fé e atingiu a perfeição da catequese cristã, que recebera na escola dos Irmãos da Ordem de São Domingos em Binondo; de facto, Cristo é o único centro de toda a catequese, porque é Cristo o seu objecto e é Cristo que ensina pela boca dos seus mensageiros.

O exemplo de Lourenço Ruiz, filho de pai chinês e mãe tagala, recorda-nos a cada um de nós que devemos orientar para Cristo toda a nossa vida. Ser Cristão significa isto mesmo: oferecer-se cada dia, como resposta à oblação de Cristo, que veio a este mundo para que todos tenham vida e a tenham em abundância. (cf. Ef 4, 4.5)

Cf Ef 4, 4.5

### **Responsório**

Os santos mártires derramaram pelo Senhor um sangue glorioso; amaram Cristo na vida e imitaram-n'O na morte. Por isso mereceram a glória do triunfo.

Tinham um só espírito e uma só fé. Por isso mereceram a glória do triunfo.

### **Oração**

Concedei-nos, Senhor nosso Deus, a graça de imitar os santos mártires Lourenço e seus Companheiros na inabalável constância e fidelidade ao vosso serviço e ao serviço do próximo, e de alcançarmos com eles, no reino dos céus, a bem-aventurança prometida aos que sofrem por amor da justiça. Por Nosso Senhor.